

BIENAL

A primeira impressão de quem vai visitar a II Bienal de Pintura Moderna, no Parque Ibirapuera, em S. Paulo, é toda de beleza. Embora só dois pavilhões estejam acabados, o conjunto vence o visitante pela amplitude e pela alegria, pelo grande luxo de espaço, e a leveza firme das construções de Niemeyer além das árvores e do lago. Árvores, lago, construções e também céu, uma espécie de valorização do céu, como no mar ou no campo, talvez pelo contraste nos olhos de quem vem das ruas cercadas de edifícios altos e anda nesse descampado belo em que os eucaliptos formam um sole-ne friso vertical. Entramos no pavilhão dedicado aos países europeus: tudo é luz e beleza, continuamos cercados de árvores e de céu, e nossa marcha ao longo dos painéis não tem a monotonia fatigante e triste dos corredores sombrios dos museus antigos. É bom andar por essas rampas fáceis e suaves que nos permitem ver quadros e esculturas de longe e de perto, em dois ou três planos — em certo momento vemos à frente o Rei e a Rainha sentados de Moore, à direita três lindas moças antigas de Picasso. Seria impossível fazer menos fatigante uma caminhada tão longa como a que empreendemos — a exposição é imensa, tem coisa demais e até coisa boa demais, é rica demais, é um desperdício de arte e de beleza em uma só cidade, em um só verão; entretanto a gente vai andando distraída, vai se deixando andar, às vezes com pena de não prrar um pouco mais.

Já estive cinco vezes na Bienal e ainda não consegui fazer uma visita serena e organizada, deixo de ir ver uma parte ainda inédita para mim para rever outra que me perturbou. Nossa capacidade de ver e sentir obras de arte é limitada, menos pela fadiga física do que pela visual e emotiva; fica-se numa espécie de embriaguez, e muito tempo depois de deixar uma sala ainda parece que as linhas e as cores da paisagem, dos objetos, das árvores, das pessoas estão compondo quadros de Paul Klee, numa desagregação suave que é uma reorganização superior; as mulheres parecem ter olhos visíveis ao mesmo tempo de perfil e de frente como as de Picasso — o movimento de suas cabeças se cristaliza por um instante, nosso olhar ainda fascinado corrige o desenho vulgar de um automóvel para compor uma forma sábia e voluptuosa de Moore. De repente duas pessoas banais tomam o jeito engraçado e ingênuo de duas figuras dos quadros da Igreja de Igarapé.

Esta é a primeira impressão, uma espécie de orgia e maravilhamento, vontade de agradecer a Cicillo, a Oscar, a Lourival, a Sergio Milliet, a todo mundo que teve dores de cabeça e discutiu horas e horas e meses e meses, e envelheceu com certeza um pouco inventando e realizando essa imensa glória paulista das Bienais que nos inundam de emoções de beleza.

R. B.

20/12/53

506